



Da autobiografia e epistolário de Edith Stein, os anos de sua formação

From Edith Stein's autobiography and epistolary, the years of her person formation

Michele D'Ambra

Liceo Classico Statale G. Perrotta

Itália

Resumo

A presente contribuição busca mostrar a formação – acadêmica e humana – recebida por de Edith Stein nos anos de seus estudos universitários apontando sua importância para o que viria a desenvolver depois em obra e na própria existência da filósofa. Inicialmente, se esclarece o que Stein entende por formação. Em seguida, através da escuta empática do que ela mesma relata em escritos autobiográficos e cartas a amigos e colegas, mostra-se o vínculo entre as experiências vividas nas duas cidades onde estudou e os temas enfrentados nas obras redigidas nos anos imediatamente sucessivos à aprovação de sua tese, que voltariam também nas obras mais maduras em várias passagens.

Palavras-chave: Edith Stein; desenvolvimento humano; formação da pessoa; Fenomenologia.

Abstract

The present contribution is intended to demonstrate the importance of Edith Stein's education, both humanistic and academic, received during her years of university study, for the development of her work and her very existence as a philosopher. Through the empathic listening of what she herself recounts in autobiographical notes and written letters to friends and colleagues, I seek to show the connection between the lived experiences in the two cities where she advances her academic studies and the themes dealt within written papers in the years immediately following her academic studies, which, on several occasions, will return even in her more mature production. All of this after having first clarified what Stein herself understood by education.

Keywords: Edith Stein; human development; personal education; Phenomenology.

Introdução

Quando comecei a me voltar ao pensamento de Edith Stein¹, há cerca de trinta anos, ainda estudante do curso de Filosofia – frequentando o pensamento

¹ O texto deste artigo foi traduzido por Miguel Mahfoud do original inédito em italiano.



de Maritain, Agostinho, Tomás de Aquino –, ouvi falar daquela filósofa no curso sobre Fenomenologia e Hermenêutica, rapidamente me interessando pelo profundo vínculo entre seu pensamento e sua vida. Deparei-me com uma pessoa que – como eu – buscava, em seus estudos, respostas a perguntas que emergiam na vida. Parecia-me estar diante de uma mulher em quem havia uma íntima unidade entre o que ela era chamada a viver e o trabalho que brotava de sua reflexão sobre a existência.

Mais tarde, tive a oportunidade de traduzir para o italiano algumas de suas obras e os dois volumes das suas cartas, além de revisar a tradução de seus escritos autobiográficos². Esse trabalho confirmou aquela intuição que me levava a me dedicar ao estudo de sua vida e obra.

A presente contribuição refere-se aos anos de sua formação. Seremos guiados pelo que ela própria narra em seus escritos autobiográficos e por notícias identificadas em suas cartas redigidas após a defesa da tese de doutorado em 3 de agosto de 1916.

Estou bem consciente de que a formação de uma pessoa não se encerra com a formatura acadêmica e é permanente, durante toda a vida. No caso de Stein, isso é particularmente significativo tanto em seu percurso intelectual quanto de vida pessoal. Porém, pretendo mostrar como os encontros pessoais e estudos dos anos universitários são decisivos para compreender seu modo de conduzir sua existência e seu trabalho.

Método de investigação

A própria Stein nos sugere o método para esta investigação. No livro *Introdução à Filosofia* (Stein, 1991/1998) – reunindo o conteúdo de aulas que ministrou em seu apartamento em abril de 1920 – ela afirma:

Antes de mais nada, observemos que há dois modos de fazer experiência de pessoas humanas: experiência de si próprio e experiência do outro. Examinaremos cada uma de *per se* e depois evidenciaremos quando e onde elas se conectam e, eventualmente,

² Stein, E. (2022). *Lettere 1*. (M. D'Ambra e M. Paolinelli, Trad.). Roma: Città Nuova. (Publicação original de *Selbstbildnis in Briefen. v. I*. Freiburg: Herder. ESGA, 2); Stein, E. (2022), *Lettere a Ingarden*. (M. D'Ambra e M. Paolinelli, Trad.). Roma: Città Nuova. (Publicação original de *Selbstbildnis in Briefen. v. III: Briefe an Roman Ingarden*. Freiburg: Herder. ESGA, 4); Stein, E. (2013). *La struttura della persona umana: corso di antropologia filosofica*. (M. D'Ambra, Trad.). Roma: Città Nuova. (Publicação original de *Der Aufbau der menschlichen Person: Vorlesung zur philosophischen Anthropologie*. Freiburg: Herder. ESGA, 14); Stein, E. (2007). *Dalla vita di una famiglia ebrea e altri scritti autobiografici* (M. D'Ambra Tr.) Roma: Città Nuova. (Publicação original de *Aus dem Leben einer jüdische Familie und weitere autobiographische Beiträge*, Bd. 1, Herder, Freiburg-Basel-Wien 2002).



se complementam. Como em análises anteriores, movendo-nos desde a "atitude natural" – com a qual olhamos ingenuamente o mundo –, a percepção do outro nos é oferecida como o que há de mais óbvio (p.197).

Essa primeira observação é o início da análise que descreve o caminho para conhecer um outro como pessoa. Pelo ato da *empatia* podemos apreender o que é vivido pelo outro ao considerar suas determinações corporais. Não podemos aqui dar conta de todas as passagens da análise dessa vivência específica, à qual Stein dedica sua tese e volta retorna em vários outros trabalhos. Interessa-nos ressaltar que através desse ato pode-se ter acesso ao que é vivido pela outra pessoa e conhecê-lo – ainda que de modo não originário. Através da intuição podemos nos aproximar do que a outra pessoa viveu ou está vivendo, cômicos de que nunca chegaremos a apreender todo o conteúdo de sua experiência.

Stein (1991/1998, p.200) diz:

A empatia, enquanto presentificação, é vivência originária, uma realidade presente. Porém, o que se presentifica não é uma própria "impressão" passada ou futura, mas um movimento vital, presente e originário de outrem que não está em relação contínua com o meu viver e não se pode fazer coincidir com ele.

A empatia pode oferecer certa forma de conhecimento do que é vivenciado pelo outro, fazendo com que adentremos seu mundo espiritual e, em certa medida, conheçamos sua personalidade. O que nos é oferecido no ato empático é o conhecimento dos traços essenciais das vivências, apresentados em caráter universal. O conhecimento dos traços pessoais individuais é bem mais difícil: está reservado só a Deus que conhece profundamente todas as suas criaturas.

É mais problemático quando estamos diante de uma pessoa que não está presente em carne e ossos, cujas expressões corporais e mímicas não podem ser utilizadas para corrigir intuições equivocadas ou presentificações falaciosas de suas vivências. Palavras e narrativas – formas expressivas da pessoa – podem ser notáveis aberturas à sua interioridade, mas podem não serem suficientes para compor um quadro autêntico de sua personalidade. É preciso, então, dar especial atenção aos estados de ânimo, sentimentos ou traços de caráter daquela pessoa: A consciência deles poderia revelar-se errônea ou poderíamos nos encontrar diante de meras projeções de quem lê ou escuta o que fora narrado. No entanto, é uma tentativa necessária. Sem isso, a vida espiritual e cultural de pessoas e sociedades resultaria enormemente empobrecida. Por isso, com grande respeito e reverência pela vida pessoal individual de nossa autora, é preciso tentar tal empreitada.



Identificado o método, enfoquemos agora o tema de nossa contribuição: a formação de Edith Stein nos anos de estudo universitário. Desenvolveremos o tema em dois momentos: inicialmente buscaremos identificar o significado do termo *formação* que possa, em seguida, ajudar-nos a identificar – nas narrativas autobiográficas e nas notícias contidas nas cartas – acontecimentos e encontros decisivos para a existência e para o modo de trabalhar de Stein.

Formação

Um dos grandes dons de Stein é a capacidade de oferecer sínteses extraordinárias resultantes de análises longuíssimas e detalhadas. Graças a isso, ela conseguiu reelaborar manuscritos de seu mestre Husserl e apresentar sínteses muito eficazes. É o dom de colocar aos outros, de modo límpido e verdadeiro, o conteúdo das próprias investigações. Certamente, é o que foi experienciado pelos que assistiram aulas e conferências de Stein nos anos trinta do século passado.

A conferência *Sobre a ideia de formação* (Stein, 1930/2017) proferida em Speyer em 18 de outubro de 1930, dirigida a professores e professoras católicas daquele Palatinado, nos dá a conhecer o significado daquele termo para nossa autora.

Para Stein, formação é o que surge do ato de formar que, por sua vez, quer dizer dar forma a uma matéria a partir de uma imagem ou alguma forma já dada. Esse processo formativo se dá de modos diversos, de acordo com sua matéria: inanimada ou ser vivo. No primeiro caso pode-se falar em formação desde fora, dar forma como se forja um metal fundido colocando-o em um molde. No segundo, a formação acontece desde o dentro, através de um princípio vital que organiza e estrutura a vida a partir de uma forma já dada.

A formação do ser humano é um caso particular: sua estrutura complexa dá origem a um processo formativo igualmente complexo. E sobre isso nos deteremos a seguir.

Stein (1930/2017, p.60) afirma:

A alma humana não é apenas forma interior (que estrutura, forma e governa o corpo e percebe em si o que lhe acontece ou pode vir a acontecer). Ela é alma racional, espírito; ser forma do corpo e, digamos assim, somente a mais modesta de suas funções; ela tem uma existência própria e superior à do corpo; ela deve estruturar, formar e governar si mesma e ao mesmo tempo estruturar um mundo no qual possa viver e agir: o seu ambiente, um mundo espiritual. Para corpo e alma como um todo uno – isto é, para a



pessoa inteira – é previsto um processo formativo próprio: a forma interior trabalha para formar a alma e o corpo segundo sua imagem ideal.

É nítido que nas plantas e animais a alma tem a função de princípio vital e formativo, estruturando e organizando a vida desde dentro, segundo uma imagem ideal; já nos seres humanos a alma, em seu grau mais elevado, torna-se espírito e assume a dupla função de formadora de si mesma e do mundo com o qual é chamada a interagir.

Para formar-se, a pessoa precisa de elementos materiais que nutram seu corpo, sem os quais não poderia viver, e também necessita de bens espirituais que nutram seu espírito. Estes bens espirituais – originados na atividade do espírito –, contribuem para o desenvolvimento da pessoa mesma e do mundo em que ela vive.

Uma observação, ainda mais interessante, feita por Stein (1930/2017, p.61), é a seguinte:

A alma melhora pela relação com o mundo dos bens [materiais espirituais produzidos pela atividade do espírito], mas sobretudo pelos relacionamentos com possíveis autores de tais bens, as pessoas vivas.

Então, para a formação do ser humano é essencial que haja relacionamentos com pessoas que vivam em seu ambiente vital, com intercâmbio recíproco de bens espirituais. Através de relacionamentos a pessoa cresce e caminha para a realização de sua forma ideal.

Formar-se significa também tornar-se aquilo que se é chamado a ser, assumir uma forma que se assemelhe o mais possível àquela designada para si pelo criador.

Trata-se de atividade livre, com participação da vontade, o que permite acolher ou rejeitar materiais formativos provenientes das relações com o mundo, com outros seres humanos e, na parte mais íntima da alma, com Deus mesmo.

O que vier a ser ofertado à pessoa não pode se contrapor ao que lhe foi dado por natureza. Nenhum ser humano pode assumir uma forma que renegue amplamente aquela com que foi originariamente criado. Seu desenvolvimento individual se dá no álveo do que, por natureza, é chamado a se tornar. Somente essa obediência à forma íntima com a qual foi colocado no ser possibilita realização plena da própria existência: realização em que a vivência da verdade e da paz permite chegar à felicidade.



Depois de aclarar o significado do termo formação, Stein (1930/2017, p.66) se pergunta: “A alma deve ser configurada com referência a qual modelo? ”, “Quem ou o quê é o sujeito dessa atividade formadora? ”. Ela não tem dúvidas: Aspirando a uma imagem ideal do ser humano, é preciso mirar a imagem de realização mais perfeita que se possa encontrar: a humanidade de Jesus Cristo:

Deus criou o homem à sua imagem. Mas depois somente Ele pode penetrar plenamente aquela imagem. Nas criaturas nós a contemplamos em muitas imagens que a representam de modo imperfeito, cada uma sob certo aspecto. No Filho de Deus e na palavra revelada, que nos dá a conhecer a Deus, nós a contemplamos no modo mais perfeito. Precisamos assumir aquela imagem em nós, o quanto possível, para que se torne forma íntima e nos modele desde nossa interioridade (Stein, 1930/2017, p.77).

Ainda mais interessante é o reconhecimento dos limites que o ser humano encontra à atividade de formação de si mesmo e de outras pessoas. Ainda que esta seja a atividade principal e essencial e à própria existência, ele se depara com a fragilidade de seus resultados. De fato, somente confiando-se às mãos do único e verdadeiro formador – que é Deus – ele pode chegar à plena realização de sua existência:

Devemos também, na medida de nossas forças, buscar conhecer a nós mesmos, aquilo para que somos feitos, e conhecer também os outros cuja formação nos foi confiada. Todavia, nunca chegaremos a um conhecimento pleno de nós mesmos ou dos outros, e então nunca teremos condições de realizar o trabalho de formação com segurança infalível. Atuamos com segurança somente ao nos recolocarmos incondicionalmente nas mãos do Único a saber o que será de nós, do Único a poder nos conduzir àquela meta, desde que tenhamos boa vontade (Stein, 1930/2017, p.73).

Esclarecido – ainda que muito sinteticamente – o que Stein entende por formação, buscaremos agora identificar, no seu percurso formativo, os elementos descritos por ela.

A formação nos anos de estudos universitários

O percurso de formação de uma pessoa dura a vida toda. Cada encontro com pessoas (ao vivo ou através de suas obras), cada acontecimento, constitui uma nova possibilidade de compreensão e realização da imagem (ou forma) da própria existência. Não sendo possível formar um quadro completo dos



acontecimentos e encontros determinantes para a formação de Stein, nos limitaremos aos anos de sua formação universitária.

Todos os estudos de Stein, trabalhos de tradução de obras de grandes autores do pensamento cristão, obras redigidas por ela mesma que têm importância fundamental para a história do pensamento filosófico da Europa e além, têm por base sua formação juvenil. É sobre essa que queremos depositar o olhar.

Stein estudou em duas universidades: a de sua cidade natal, Breslávia, e a de Gotinga, onde encontrou Husserl e a Fenomenologia, ponto de referência constante para seu trabalho. Justamente o vínculo com Husserl a levará, depois da guerra, para Friburgo, acompanhando a transferência do mestre, defendendo ali sua tese de doutorado. Em Friburgo assumiu, de 1916 a 1918, a função de assistente de Husserl, tendo oportunidade de estudar profundamente os manuscritos dele, preparando-os para publicação³. Uma atividade muito trabalhosa que, porém, lhe possibilitou conhecer, como ninguém, o que o mestre estava elaborando naqueles anos.

1. Breslávia

Os estudos universitários de Edith Stein começam na *Alma Mater* de sua cidade natal: Breslávia. O relato dos acontecimentos vividos naqueles anos (1911 - 1913) indicam alguns elementos essenciais para a compreensão de sua formação: uma grande sede de conhecimento e um desejo de participar ativamente da vida universitária.

1.a. As disciplinas cursadas

A própria Stein (1985/2018) revela ter gozado de ampla liberdade para escolher cursos e matérias. Por essa liberdade – que mais tarde ela avaliou como não totalmente positiva – seus dias ficaram lotados com aulas e exaustivos trabalhos. Porém, das disciplinas escolhidas emergem algumas indicações interessantes. Além das matérias úteis para o “exame de estado”, exigido para exercer o magistério, a jovem estudante escolheu disciplinas que permitiam confrontar-se com o patrimônio do mundo clássico e moderno, principalmente alemão. Cursou latim e introdução ao grego, além de Filologia germânica.

³ Coube a Edith Stein redigir dois livros de Edmund Husserl: o volume 2 de “Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica” e “Lições para uma fenomenologia interno do tempo” (N.T.).



Quem conhece trabalho de Stein sabe que o estudo dessas línguas foi importante para ela. Certamente, sem um bom conhecimento de latim ela não teria assumido a primeira tradução em língua alemã do *De Veritate* de Tomás de Aquino em 1928, ao qual acrescentou um comentário e um índice de grande valor. E sem um conhecimento elementar de grego não poderia ter lido as obras de Platão ou outros autores clássicos da Filosofia com o detalhamento das formas linguísticas, como ela o fez durante os estudos universitários.

O estudo da língua alemã viria a permitir que conhecesse o patrimônio das obras da literatura e da poesia germânica, bem como as fábulas e mitos nórdicos – com os quais fez companhia aos seus vários sobrinhos – cujos personagens como fadas, goblins e elfos têm espaço nas suas análises dos espíritos puros presentes em suas obras.

O estudo das línguas clássicas e do alemão deu-lhe acesso à vida espiritual de pessoas do passado que lhe ofereceram fortes lampejos de luz para a compreensão da essência do ser humano e do significado de sua própria existência.

A empatia permite certo conhecimento da vida espiritual de outra pessoa através da mediação do corpo vivo; uma pessoa do passado pode ser conhecida – ainda que parcialmente – só através da mediação de bens culturais cuja materialidade – forma que a obra assume e a linguagem expressiva utilizada – permite que chegue ao presente. Stein utilizou atentamente a linguagem e dedicou muito trabalho à clarificação de palavras e conceitos úteis para expressar seu pensamento. O conhecimento da língua com a qual o autor se expressa toma, para ela, grande importância. Em uma carta a Roman Ingarden (a de número 85, de 1924) Stein explica ao colega a razão de assumir o trabalho de tradução de uma obra do cardeal Newman: “Simplesmente traduzir já me traz alegria. E, além disso, é muito bonito entrar em contato tão íntimo – como a tradução proporciona – com um espírito como Newman” (Stein, 2001, p.153).

Ler as palavras de um autor do passado em sua língua original possibilita uma intimidade com ele, abrindo o caminho para a compreensão da existência dele e, por reflexo, da própria. Porém, uma obra literária ou filosófica, expressando a vida de um indivíduo, ao se tornar pública se transforma em meio de transmissão da cultura e do espírito de todo um povo, nação, estado e, em última análise, da inteira humanidade.

Passando da perspectiva pessoal à comunitária: Outra disciplina pela qual Stein era apaixonada é a História. Ela a estuda com paixão e consegue bons



resultados, a ponto de Lehmann⁴ lhe propor fazer a tese para o “exame de estado” em Gotinga justamente nessa disciplina. Estudando História, ela aprendeu a ler os acontecimentos políticos de seu tempo, amadurecendo nos anos juvenis uma concepção positiva do Estado e um amor pela própria nação que se manifestarão tanto no plano teórico como prático. Muitas cartas o atestam, sobretudo as do período da Primeira Guerra Mundial, quando os jovens alemães expressavam seu apego à pátria alistando-se nas fileiras do exército ou – no caso das mulheres – do serviço auxiliar na Cruz Vermelha. Entusiasmo que, no pós-guerra, se transformará em intensa desilusão e perda de sentido da vida (Stein, 1985/2018).

A terceira parte de *Introdução à Filosofia* (Stein, 1991/1998) é dedicada à História (como ciência da subjetividade) e às Ciências do Espírito com método histórico. Não é objetivo do presente trabalho detalhar aquela análise steiniana, mas podemos ressaltar a competência da autora para identificar problemas próprios do método histórico. A História visa oferecer à pessoa um justo conhecimento para inseri-la em um contexto comunitário específico.

Dentre as disciplinas cursadas por Stein na Universidade de Breslávia, devemos ressaltar também a Psicologia, uma das que mais lhe interessavam (assim como a Pedagogia). Stein conserva em sua formação diversos elementos das aulas de Psicologia que teve com dois professores. Sobre eles, Stein (1985/2018, p.226-227) conta:

Stern⁵ dava seu curso de maneira muito simples e acessível. Eu o assistia como se estivesse numa hora de conversa muito agradável e ficava até um pouco decepcionada. Era preciso fazer mais esforço com Hönigswald⁶. Sua lucidez penetrante e o rigor com que conduzia sua reflexão me encantavam. Ele era um partidário declarado do criticismo e pertence ainda hoje, aliás, ao pequeno grupo que permaneceu fiel a esse movimento. Era necessário dominar o aparato da filosofia kantiana para poder acompanhá-

⁴ Max Lehmann (19/05/1845, Berlim – 1929), historiador, professor em Gotinga desde 1893. Sua obra *Der Freiherr von Stein (O barão von Stein)* em três volumes é de 1902-1905. Segundo o certificado da Universidade de Gotinga, Edith Stein foi aluna de Max Lehmann no semestre de verão de 1914 nos cursos “A reforma dos estados prussianos na época de von Stein e Hardenberg”, “Exercícios de história moderna” e “História tedesca de 1815 a 1848”; no semestre de inverno 1913-14, “História do período do absolutismo e do iluminismo”.

⁵ William Stern (29/4/1871, Berlim, - 27/3/1938, Durham) famoso psicólogo e filósofo cujas aulas Edith Stein assistiu em Breslávia. Ela faz referência disso várias vezes em *Vida de uma família judia*. A especialidade de Stern era a psicologia infantil e juvenil. Foi professor de filosofia em Hamburgo a partir de 1915.

⁶ Richard Hönigswald (1875, Altenburg, Hungria – 1947, New York), filósofo neokantiano. Edith Stein teve aulas com ele durante quatro semestres em Breslávia, como documentado em seu histórico escolar. Hönigswald lecionou em Múnich a partir de 1930 e mais tarde migrou para os Estados Unidos da América.



lo. Entretanto, era uma excelente formação para a reflexão lógica, e isso já bastava, na época, para fazer minha felicidade. Além do mais, suas aulas de História da Filosofia, às quais assisti depois, eram excelentes, graças à sua maneira de apresentar os sistemas filosóficos de modo claro e penetrante.

Essas anotações já deixam claro o maior interesse de Stein pelo estudo da Filosofia do que pela Psicologia, além de evidenciar seu juízo sobre a Psicologia Experimental de Stern (que comparada à Fenomenologia viria a ser considerada pouco amadurecida do ponto de vista metodológico).

Quanto à decisão estudar com Husserl na Universidade de Gotinga, ela mesma conta (Stein, 1985/2018, p.277):

Todos os meus estudos em Psicologia me tinham convencido apenas que essa ciência ainda estava nos primeiros balbucios; faltava-lhe o fundamento indispensável de conceitos de base clarificados, e ela própria não estava em condições de forjar para si tais conceitos. Ao contrário, se me fascinava tanto o que até então eu havia aprendido de Fenomenologia, era porque ela consistia especificamente nesse trabalho de clarificação e porque, nesse campo, se forjavam desde o início as ferramentas intelectuais de que se necessitava.

Antes de nos ocuparmos do que aconteceu em Gotinga, enfoquemos ainda outro aspecto da formação de Stein que emerge nos anos de estudo em Breslávia e que se desenvolverá, de modo ainda mais maduro, em Gotinga até se tornar parte integrante do seu caráter e do seu modo de viver.

1.b. Sua formação humana

Susanna, sobrinha de Edith, filha de Erna e Hans Biberstein, conta:

As amizades que meus pais e Edith fizeram nos anos estudantis duraram a vida toda. Quando éramos crianças, meu irmão e eu gostávamos de ouvir contar as aventuras deles naqueles anos relativamente serenos. Erna e Edith cresceram juntas como se fossem gêmeas, embora tivessem um ano de diferença de idade, e mantiveram essa proximidade, também porque tinham muitos amigos, motivações e ideais em comum. Como um ímã, atraíam outros estudantes que amavam as mesmas coisas: pensativos, inteligentes, mas que tinham também senso de humor e gostavam de atividades ao ar livre. Jogavam tênis, andavam de bicicleta, faziam caminhadas e passeios nas montanhas. Na maioria, não eram ricos e viviam com simplicidade. Todos tinham ambições acadêmicas e eram politicamente empenhados. Assumiam causas como o direito das mulheres ao voto e várias leis de cunho social.



Mesmo sendo alemães e patriotas, tomavam distância do nacionalismo acrítico e fanático, também porque aquelas tendências se associavam a antissemitismo e os amigos, na maioria, eram judeus.

Edith descrevia de maneira vívida essas pessoas, e incluía os pais delas no círculo de amizade (Batzdorff, 2003, p.102).

Stein gostava muito de estudar, seus dias eram preenchidos pelas aulas, mas deixava tempo para atividades que regenerassem suas forças psicofísicas e construíssem relações pessoais, através das quais alimentar sua vida espiritual.

Desde os primeiros anos de estudos em Breslávia, ela tece uma densa trama de relacionamentos com pessoas de diferentes idades, estratos sociais e formações. Em um confronto cerrado com o que emerge naquelas relações compreende melhor o caminho a seguir e amadurece sempre mais o desejo de encontrar o significado da própria existência.

As descrições detalhadas dos lugares frequentados, das excursões com familiares e amigos, das atividades recreativas das quais a maior parte dos estudantes participavam, e as descrições minuciosas – mesmo à distância de anos – dos traços físicos e do caráter das pessoas encontradas, atestam que a participação na vida estudantil universitária teve grande importância para Stein. E, mesmo assim, seu desejo de aprofundar os estudos sobre a pessoa humana levam-na a decidir por um outro caminho, intuindo outro aspecto decisivo de sua vida. Eis com ela mesma o narra:

Eu havia estudado por quatro semestres em Breslávia. Tomara parte na vida dessa *alma mater* mais do que a maioria dos estudantes, e era possível crer que eu estivesse tão ligada a ela que não me separaria por minha própria vontade. Mas, como depois aconteceria frequentemente na minha vida, pude desvencilhar-me com um leve movimento das amarras que pareciam impossíveis de desatar e levantei voo como um passarinho que foge de uma armadilha (Stein, 2018, p.270).

2. Gotinga

Em 17 de abril de 1913, Edith Stein chega em Gotinga. Duas expressões revelam o que aquela cidade representou para ela e sua formação: uma é da própria Stein e outra do grande filósofo Pe. Erich Przywara⁷. No início da narrativa sobre os anos de estudo em Gotinga, Stein (2018, p.299) exclama:

⁷ Erich Przywara, (12.10.1889, Kattowitz Alta Silesia – 28/9/1972, Murnau, Alta Baviera), jesuíta, filósofo, conhece Edith Stein em 1925 em Spira. Em 1922 foi para Múnaco trabalhar na redação da revista jesuíta *Stimmen der Zeit*. Sua obra completa contém cerca de 800 títulos, dentre os quais,



Essa querida e velha Gotinga! Creio que só aqueles que estudaram lá entre 1905 e 1914, durante o curto florescer da escola fenomenológica de Gotinga, podem compreender tudo o que esse nome faz vibrar em nós.

E na carta 160 de 17 de junho de 1931, Przywara (Stein, 2000, p.177) parabeniza Stein pela conquista da habilitação ao ensino de Filosofia – notícia evidentemente incorreta: “A velha Gotinga saúda a sua velha filósofa”.

Sem sombra de dúvida, nas palavras de Stein notamos um sentimento de nostalgia pelo que fora vivido naqueles anos em Gotinga. E também uma profunda consciência da importância – para sua própria vida e daqueles que ali viviam – do nascimento e primeira difusão da Fenomenologia, junto de Husserl.

Não é objetivo do presente trabalho focar a contribuição que a narrativa de Stein oferece para uma reconstrução histórica do nascimento e primeiro desenvolvimento da escola fenomenológica, nem analisar a detalhada descrição de lugares, pessoas e acontecimentos vivenciados por ela naquele período. Visamos apenas apontar elementos essenciais que contribuíram para sua formação juvenil.

2.a. A escolha da Fenomenologia

Stein vai a Gotinga para estudar na Escola Fenomenológica de Husserl. Ao chegar à cidade, logo dá-se conta de que em toda parte há sinais da presença de grandes autores da literatura alemã, grandes cientistas e matemáticos, inclusive de grandes políticos como Bismarck⁸. E, no entanto, ela chegava ali para estudar a Filosofia de Husserl que, desde o início, percebe separada da Psicologia (como até mesmo a distância dos edifícios indicava) (Stein, 1985/2018).

Evidentemente, não podemos dar conta da influência que a Fenomenologia teve em sua formação. Ela mesma, em diversas obras, comenta sobre isso, refrisando a grande presença do método em seu trabalho. Indicamos alguns estímulos à reflexão, sobretudo quanto a certos aspectos da existência e quanto às visadas que o estudo da Fenomenologia contribuiu a formar.

2.b. Atenção à pessoa

50 livros. Ele descreveu seu encontro com Edith Stein em *In und gegen*, de 1955; um testemunho de Przywara faz parte das atas dos processos canônicos para a beatificação de Edith Stein (Summarium. Documenta, p.511-515).

⁸ Otto von Bismarck (1815-1898), a partir de 1862 foi primeiro ministro do Reino da Prússia e a partir de 1870-71 foi Chanceler do Reich tendo grande influência política em questões internas e externas.



Nos últimos anos do séc. XIX as investigações sobre a pessoa humana eram campo da Psicologia Experimental. O antigo sonho de domínio sobre o outro parecia se realizar ao manipular mecanismos psíquicos, estudados naquele campo do saber. Até a Pedagogia era influenciada por aquela concepção. Stein, interessada em compreender a profundidade do coração humano, volta-se ao estudo dessa disciplina, mas logo se dá conta dos limites. Ao ler *Investigações lógicas* de Husserl, intui que o caminho a percorrer seria outro. A Fenomenologia levava a atenção às “coisas mesmas”, colhidas no modo com que se manifestam; requeria um olhar que colocasse entre parêntesis os juízos já estabelecidos para apreender o que se manifesta de um dado fenômeno. As consequências desse olhar nas investigações sobre o ser humano levaram Stein a aprofundar o método fenomenológico e torná-lo seu. Descobre imediatamente que dentre os primeiros alunos de Husserl há pessoas que, também no seu modo de agir, tornam próprios aqueles princípios de método (Stein, 1985/2018).

Depois de narrar o primeiro encontro com Adolf Reinach (que no Círculo de Gotinga tinha a tarefa de intermediador entre os estudantes e o mestre) ela relata estas impressões:

Fiquei muito feliz após esse primeiro encontro e repleta de uma profunda gratidão. Tinha a impressão de ainda não ter encontrado alguém de uma bondade tão verdadeira. Parecia-me natural receber provas de afeição por parte de pessoas próximas e de amigos de longa data. Mas aqui se tratava de algo diferente. Era como o primeiro olhar lançado sobre um universo novo (Stein, 1985/2018, p.315).

Nessas palavras encontramos descrita uma atitude, uma atenção à pessoa que não é somente resultado de um traço de caráter pessoal individual, mas a consequência de uma nova e diferente abordagem da realidade. Diante dos olhos de Stein abre-se um mundo novo no qual prevalece não o fechamento do sujeito sobre si mesmo, nem a consideração do outro simplesmente como objeto de investigação. As análises sobre a pessoa na sua realidade individual, como sua abertura a uma dimensão comunitária, tornam-se fundamento de uma atitude voltada a descobrir seu valor autêntico.

Para aqueles alunos de Gotinga, o retorno às coisas mesmas indicado por Husserl parecia colocar novamente a atenção na realidade, depois que o idealismo, por um lado, e o positivismo, por outro, a haviam abandonado em favor de um eu fechado em si mesmo ou de um eu tornado objeto de experimentos para confirmar hipóteses pré-determinadas.



Essa abertura à realidade viria a ser um traço essencial da atitude de Stein em sua existência e em seu trabalho.

2.c. Atenção à reverberação da realidade na consciência

Ao conhecer a realidade, não se pode prescindir da reverberação que ela tem na própria consciência. A investigação sobre fenômenos toma em consideração o modo de o sujeito do conhecimento vivenciá-los. Tudo o que acontece vem a ser, de algum modo, registrado pela consciência, e é vivido junto a sentimentos de acolhimento ou repulsão, simpatia ou antipatia, amor ou ódio. Stein tem consciência viva disso quando descreve detalhadamente os traços das pessoas que começavam a fazer parte de sua vida, assim como os acontecimentos que determinaram seu curso.

A atenção à pessoa e à realidade vivenciada pela pessoa, são elementos decisivos da formação fenomenológica de Stein.

2.d. A formação de uma companhia

Desde os primeiros encontros em Gotinga, Stein teve a impressão de estar frente a uma grande novidade. Comentando sobre o segredo com que estudantes desenvolviam suas investigações no Instituto de Psicologia, ela escreve:

Nós, os fenomenólogos, ríamos desse gosto pelo segredo e ficávamos contentes em poder trocar nossas ideias livremente entre nós: não tínhamos o menor temor de que alguém pudesse roubar os resultados um do outro (Stein, 1985/2018, p.340).

Os discípulos de Husserl, pelo menos aqueles da chamada Escola de Gotinga, consideravam-se parte de uma comunidade e viviam vínculos que ultrapassavam o fato de serem simplesmente colegas de estudo. As muitas cartas de Stein testemunham esse vínculo profundo e verdadeiro que iam desde a simples partilha de problemas ligados à atividade de pesquisa, à participação viva nos acontecimentos da existência de cada um, até à oferta de ajuda ou de dinheiro para quem estivesse em dificuldade. Tudo na mais absoluta discrição e liberdade.

Quando a Primeira Guerra Mundial causou um momento de desagregação do movimento, Stein manteve intensa correspondência buscando sustentar o vivo vínculo que se criara entre os fenomenólogos. O que os ligava era de



absoluta importância para cada um deles - ela tinha certeza disso. Inclusive suas obras estão repletas de referências às investigações de seus colegas que, na verdade, recebem elogios e críticas. É uma comunidade, que se revela ser de ajuda nos momentos difíceis da existência.

Sobre um dos momentos mais dramáticos em Gotinga, no período em que Stein trabalhava em sua tese sobre empatia, ela narra:

Não podia mais atravessar a rua sem desejar que um carro me atropelasse. Quando fazia uma excursão, pegava-me desejando cair num precipício e dele não sair viva. É provável que ninguém tenha suspeitado do estado em que eu me encontrava. Sentia-me feliz ao trabalhar com os outros na Sociedade Filosófica e no seminário de Reinach, mas temia quando terminavam aquelas horas durante as quais me sentia segura; temia o momento em que recomeçariam minhas lutas solitárias (Stein, 1985/2018, p.358).

E pouco mais adiante: “Após essas duas visitas à casa de Reinach, tinha a impressão de ter vivido um novo nascimento. Todo o tédio de viver havia desaparecido. Aquele que me salvou do sofrimento me pareceu como um bom anjo” (Stein, 2018, p.366).

2.e. Abertura ao fenômeno religioso

No período em que Edith Stein estudava em Gotinga, ela se declarava atea ou indiferente quanto às práticas religiosas vividas em família: interessantes, mas não relevantes para a vida. Continuava marcada pelos hábitos religiosos da família, mas não fascinada. Naquele momento, estava mais atraída pela investigação racional, pelo estudo do que se dá no íntimo da pessoa numa perspectiva puramente racional.

Mas, em Gotinga, notou que dentre os que ela estimava pela inteligência e profundidade nas investigações, muitos não só não censuravam o fenômeno religioso como até tinham grande consideração por ele. A maior parte dos membros da Escola de Gotinga haviam se convertido a alguma forma de confissão religiosa e não tinham receio de manifestá-lo publicamente.

É bem conhecida a relevância que a pertença ao catolicismo viria a ter para à existência de Stein. Muitas hipóteses foram formuladas sobre sua conversão. Infelizmente, permanecem hipóteses, pois Stein nunca quis falar de maneira clara e completa sobre isso. Mas, comunicando as impressões de um encontro com Max Scheler, recém convertido ao catolicismo, ela conta:



Para mim, como para muitos outros, sua influência naqueles anos foi de grande importância, indo bem além do domínio da Filosofia. Não sei em que ano Scheler voltou à Igreja Católica, mas provavelmente não fazia muito tempo. Era de todo modo a época em que estava cheio de ideias católicas e sabia se fazer de defensor delas com toda a maestria de sua mente e de sua eloquência. Foi assim que entrei em contato pela primeira vez com esse universo que me era até então totalmente desconhecido. Esse contato ainda não me conduziu à fé, mas abriu-me um domínio de "fenômenos" perante os quais eu não mais podia ficar às cegas. Não era em vão que sem parar nos inculcavam que olhássemos todas as coisas face a face, livres de toda preconceção e sem "viseiras". Caíram assim as barreiras das preconceções racionalistas dentro das quais eu havia crescido, e o universo da fé surgiu de repente diante de mim. Várias pessoas com quem eu convivia cotidianamente e por quem tinha admiração pertenciam a esse universo. Elas mereciam, sem dúvida nenhuma, que eu refletisse seriamente sobre ele (Stein, 1985/2018, p.332-333).

Stein ressaltou com clareza a relação entre o convite do método fenomenológico a não manter preconceções e a abertura ao estudo do fenômeno religioso como preâmbulo à pertença a uma fé religiosa específica. E, ainda mais, afirmou que a fé religiosa pode se revelar útil para a investigação filosófica.

É interessante notar que, para Stein, o senso religioso presente em todos os seres humanos pode ser despertado pelo encontro vivo com pessoas estimadas e fascinantes. Consideramos essa dinâmica como essencial na vida de toda pessoa, não se dando devido a fechamento da mente e dureza de coração de quem vive um encontro desses.

Numa das mais duras cartas que Stein envia a Ingarden, ela escreve:

Quando li as últimas linhas, me perguntei: Como é possível que um homem com formação científica – que reivindica objetividade rigorosa e que não ousaria emitir um juízo sem ter investigado profundamente sobre a mínima questão filosófica –, como é possível que este homem liquide os problemas mais importantes com uma frase que faz lembrar jornalecos de baixo nível? Refiro-me ao "aparato de dogmas articulado para a dominação das massas": Por favor, não tome isso como repreensão pessoal. Sua atitude é típica de um intelectual que não foi educado na Igreja, e até poucos anos atrás eu não era diferente disso. Em nome de nossa longa amizade, permita-me reformular o problema geral em uma questão de consciência intelectual. Quanto tempo você já dedicou (a partir do ensino de religião na escola) ao estudo do dogma católico, de sua fundamentação teológica e de seu desenvolvimento histórico? E você nunca se perguntou como explicar o fato de homens como Agostinho, Anselmo de Canterbury, Boaventura, Tomás – sem contar milhares de outros cujos nomes



são desconhecidos para os não especialistas, mas que sem sombra de dúvidas não eram nem são menos inteligentes que nós, gente iluminada – viram no desprezado dogma o que de mais supremo pode ser acessado pelo espírito humano, e a única coisa pela qual vale a pena sacrificar a vida? Com que direito você pode qualificar os grandes mestres e os grandes santos da Igreja como tolos ou como espertos impostores? (Stein 2001, p.153).

A grandeza intelectual e humana de quem abraçou a fé católica e refletiu sobre ela leva em consideração a questão religiosa na existência de todos os seres humanos como sendo relevante e imprescindível.

Conclusões

Concluimos sugerindo uma imagem que de algum modo descreve o que dissemos: O teólogo suíço Hans Urs von Balthasar nomeou um de seus trabalhos mais importantes como *A verdade é sinfônica*. Imaginemos o trabalho de formação que Stein viveu nos anos de estudo universitário como execução de uma peça sinfônica na qual cada componente da orquestra segue uma melodia própria, com timbre e caráter únicos e irrepetíveis. A peça não pode ser executada sem que cada um dos músicos tenha formação básica adequada sustentada por estudo contínuo e constante e por uma sensibilidade pessoal que tornam extraordinária e original aquela execução.

Referências

- Batzdorff, S. M. (2003) *Zia Edith: eredità ebraica di una santa cattolica* (M. E. Patrizi, Trad.). Roma: OCD. (Original publicado em 1998).
- Stein, E. (1998). *Introduzione alla filosofia* (A. M. Pezzella, Trad.). Roma: Città Nuova. (Original publicado em 1991).
- Stein, E. (2000) *Selbstbildnis in Briefen. v. I*. Freiburg: Herder. (ESGA, 2).
- Stein, E. (2001) *Selbstbildnis in Briefen. v. III: Briefe an Roman Ingarden*. Freiburg: Herder. (ESGA, 4).
- Stein, E. (2017). Sull'idea di formazione. Em E. Stein. *Formazione e sviluppo dell'individualità*. (A. M. Pezzella, A. Togni, Trad.) (pp. 51-73). Roma: Città Nuova. (Original publicado em 1930).



Stein, E. (2018). Vida de uma família judia. Em E. Stein. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. (M.C.V. Wollny, R. Kirchner, Trads.) São Paulo: Paulus. (Original publicado em 1985).

Nota sobre o autor:

Michele D'Ambra é formado em Filosofia com um Trabalho de Conclusão de Curso sobre *A concepção de pessoa nos primeiros trabalhos de Edith Stein*. É professor de Filosofia e História no Ensino Médio. É membro da diretoria do Centro Internazionale di Ricerche Fenomenologiche e da Associazione Italiana Edith Stein. Há anos estuda o pensamento de Edith Stein, trabalhando para sua difusão. Traduziu para o italiano várias obras de Edith Stein: *A estrutura ôntica da pessoa humana e o problema de seu conhecimento*, *A estrutura da pessoa humana*, *Da vida de uma família judia* e dois volumes de cartas (ESGA 2 e ESGA 4) que estão no prelo. E-mail: mdambr63@gmail.com.

Data de submissão: 23.01.2022

Data de aceite: 26.05.2022